

A Ressurreição de Jesus sob a categoria de “Promessa”: uma contribuição a partir da Teologia da Esperança de J. Moltmann

The Resurrection of Jesus under the category of Promise: a contribution from the Theology of Hope by J. Moltmann

*Círio Alessandro Jacinto**

Resumo: O presente artigo traz a contribuição do teólogo protestante Jürgen Moltmann para as reflexões sobre o significado da Ressurreição de Jesus. No horizonte da atualidade, os cristãos são constantemente convocados a estarem prontos para oferecer as razões de sua esperança (Cf. 1Pe 3,15). Assim, prescindindo das outras inúmeras (e igualmente ricas) contribuições possíveis, limitar-se-á em tomar emprestada a lente da “promessa” e, a partir dela, olhar para o túmulo vazio e para aquela experiência que levou os discípulos a acreditarem: “Não está aqui!

* Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e Doutorando pelo Programa de Pesquisa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: cirioalessandro@gmail.com.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ressuscitou!" (Lc 24,6). Por fim, serão apontadas algumas reflexões acerca do compromisso social, que procedem da fé na Ressurreição.

Palavras-chave: ressurreição; promessa; esperança; anúncio; J. Moltmann

Abstract: This article brings the contribution of the Protestant theologian Jürgen Moltmann to the reflections on the meaning of the Resurrection of Jesus. Nowadays, Christians are constantly called to be ready to offer the reasons for their hope (cf. 1 Peter 3:15). Thus, dispensing with the other innumerable (and equally rich) possible contributions, we will limit ourselves to borrowing the lens of the "promise" and from it to looking at the empty tomb and to that experience which led the disciples to believe: this one! He is risen! "(Lk 24: 6). Finally, some reflections about social commitment will be pointed out, that come from the faith in the Resurrection.

Keywords: resurrection; promise; hope; announcement; J. Moltmann

1. Introdução

“Se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a nossa fé” (1Cor 15,14). Todo o Novo Testamento se edifica sobre um anúncio: aquele Jesus que mataram no madeiro, está vivo! Nesse sentido, o fundamento da fé cristã é o anúncio de um morto redivivo e, por isso, se a ressurreição não fosse uma realidade, então, todo o arcabouço da fé cristã entraria em colapso e, conseqüentemente, o edifício estaria em ruínas.

Todavia, sabe-se que o anúncio da fé pascal para uma sociedade secularizada e tecnicista não é tarefa muito fácil e as metodologias da ciência moderna colocaram em xeque a verdade da ressurreição. Alguns teólogos, apoiados nos instrumentos científicos modernos, afirmaram que o caráter objetivo do evento não é capaz de se sustentar e, por isso, dever-se-ia afirmar apenas a experiência subjetiva, ou seja, o caráter pessoal de uma experiência individual e comunitária daquele grupo que anunciou a ressurreição. Desse modo, a ressurreição seria apenas o conteúdo de um anúncio (querigma) e, não, um acontecimento objetivamente realizado.

Assim, a intenção será a de adentrar nesse campo de reflexão teológica para pensar sobre duas categorias indiscutivelmente indissociáveis: a “ressurreição” e o “anúncio”. Porém, o caminho será percorrido por meio de outra categoria – a *promessa* – que está, por sua vez, muito próxima ao “anúncio”. Assim, a interdependência entre *anúncio*, *ressurreição* e *promessa* será o alvo desta discussão e, para isso, serão tomadas, como base, as contribuições do teólogo protestante alemão J. Moltmann (1926 –), em sua célebre obra: “Teologia da Esperança”.

2. A Promessa no horizonte do Anúncio

Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que o termo “promessa” não possui um correspondente imediato em hebraico e, por isso, a ideia aparece sob uma constelação de palavras em todo o Antigo Testamento: *a benção*, *o juramento*, *a herança* e *a terra prometida* são as fórmulas usadas para expressar a ideia. Porém, o grego do Novo Testamento conhece um termo próprio e “*epangelía*” é a palavra usada para exprimir a *promessa*¹.

Em grego profano, o termo é usado desde o tempo de Homero como sinônimo de outros vocábulos da mesma raiz *angelo*, significando anúncio ou notícia. No entanto, em notificações de tipo estatal, o termo tinha a conotação de requisição (algun pedido ou concessão a se requerer); no mundo judiciário, era usado como a notificação de uma acusação; e o verbo “prometer” ainda aparece como “declarar-se capaz de alguma coisa, declarar qualquer coisa como própria especialidade (...), professar-se para alguma coisa (aspecto ético)”².

No entanto, o mais importante é notar a “promessa” e o “evangelho” como expressões intrinsecamente relacionadas desde a etimologia da palavra, pois se pode dizer, respectivamente, *ἐπαγγελία* (*epangelía*) e *εὐαγγέλιον*

¹ Cf. RAMLOT, M.L.; GUILLET, J., Promessas. In: LÉON-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 834-838.

² HOFFMANN, E., Promessa. In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 1451. tradução nossa.

(evangelion). Logo, os dois termos derivam da mesma raiz, que é o anúncio. No primeiro, o prefixo indica que se trata de um anúncio que se realiza “para”, isto é, vai em direção de alguém. No segundo, por conseguinte, o prefixo indica que se trata de um “bom” anúncio, ou seja, a “boa notícia”! Tal intuição faz com que se queira afirmar a identidade entre ambos: Promessa e Evangelho, nesse sentido, são duas faces da mesma notícia, *que é um ‘bom anúncio’ endereçado ‘a alguém’*³.

De fato, para Augrain⁴, o Novo Testamento apresenta Jesus como anunciador e realizador e o tema da promessa ocupa, de maneira muito peculiar, o coração da teologia paulina. Segundo Scharbert⁵, a semente da promessa realizada a Abraão germina em Jesus Cristo, conforme Gl 3,16.19 e Jo 8,56. De igual modo, ele aparece como o mediador enviado por Deus em Lc 24,49 e, graças à sua plena autoridade, pode anunciar novas promessas (cf. Mt 5,3-12; 16,18s; 25,31-40; 28,20; Mc 10,29s; Jo 6,22-58; 11,25s; 14,15-21).

Então, a categoria da promessa, saindo de seu ambiente helenístico e incorporada à pregação judaica, é usada para designar um aspecto da revelação de Deus na história da salvação; especificamente com o rabinismo e a apocalíptica, passa a ser usada para representar a figura de Abraão, já que o patriarca é o modelo do homem justo que acreditou em um Deus da Promessa. Mas, com Paulo, a categoria é remodelada em linhas escatológicas, pois o Deus da promessa chama os mortos à vida. Desse modo, “Paulo liga as promessas tradicionais feitas a Abraão à promessa da vida e entende “vida” não mais em conexão com terra prometida, fertilidade e multiplicação, mas como “vida a partir da morte” – Rm 4, 15-17”⁶.

³ Cf. SCHNIEWIND, J. FRIEDRICH, G., *εὐαγγέλιον, ἐπαγγελία*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (orgs.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1957. v. 2, p. 573-583.

⁴ Cf. AUGRAIN, C., Promesses. In: JACQUEMET, G. (org). *Catholicisme, hier, Aujourd'hui, Demain..* Paris: Letouzey et Ané, 1948. v. 11, p. 1245-1249.

⁵ Cf. SCHARBERT, J., Promessa. In: FRIES, H. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1970-1971. v. IV, p. 336-345.

⁶ MOLTMANN, J., *Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica/Loyola, 2003, p.174.

É ainda o apóstolo Paulo quem “acentua mais que todos, que a *epangelía* é puro dom da graça de Deus. Somente Deus tem o absoluto poder de transformar em ato a sua palavra de promessa – Rm 4,21”⁷. Desse modo, para Paulo, é de salutar importância a constatação de que todas as promessas recebem o seu “sim” em Cristo e, portanto, toda a missão de Jesus é a confirmação às palavras de salvação, proferidas pelo próprio Deus. Portanto, qualquer promessa é, sem dúvida, anúncio e palavra. Mas, no Novo Testamento, *aquela Promessa é a Palavra que se faz carne e habita entre nós*. A Palavra é o *feliz anúncio*, que porta consigo a salvação e, por isso, deve ser auscultada em melodia escatológica, cujo sentido se plenifica à luz do evento pascal da Ressurreição de Jesus.

3. A Ressurreição no horizonte da Promessa.

Iluminado pela teologia paulina, Moltmann reclama a J. Schniewind para afirmar que “*epangelia* é o ‘complemento’ de *euangelion*. O evangelho da revelação de Deus estará, portanto, ameaçado de mutilação e ruína, se nele não considerar a dimensão da promessa”⁸. De certa forma, a intenção do autor é fazer coincidir o evangelho com a promessa. Daí a grande importância de tal categoria.

Desse modo, nessa tentativa de identificação entre Boa Notícia (*euangelion*) e Promessa (*epangelia*), a verdade histórica da Ressurreição desponta como o evento em que se dá a abertura da promessa para uma direção escatológica. Isso significa que é possível resgatar o caráter promitente que se depreende da Ressurreição de Jesus. Para isso, utiliza-se do método indutivo, já que se parte da realidade da história para o feliz anúncio do Deus que cumpre as suas promessas, tornando-se o Senhor da humanidade inteira:

Em Jesus não se tornou concreta uma verdade universal, mas o evento concreto, único, histórico da Crucifixão e Ressurreição de Jesus por Javé, o Deus da

⁷ HOFFMANN, E., Promessa. In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 1453, tradução nossa.

⁸ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 168.

Promessa, que do nada cria o ser, se torna Universal por meio do horizonte Universal e escatológico que anuncia. O Deus das promessas de Israel, pela Ressurreição de Jesus, dentre os mortos se torna o Deus de todos os homens⁹.

Reconhecer e salvaguardar o caráter histórico é de fundamental importância na tentativa de se compreender o estatuto do significado da Ressurreição¹⁰. Para Moltmann, a manifestação de Jesus, nos relatos das aparições pascais, não pode ser enquadrada nos mesmos caracteres das manifestações dos deuses epifânicos, pois não se pode desarticular de seu caráter histórico. O Ressuscitado não vem do nada e, muito menos, do além! Os Evangelhos não são lendas cômicas ou teofânicas, mas são relatos de lembranças históricas sob os augúrios da esperança escatológica. Assim, no Novo Testamento, dá-se a plena abertura da promessa para o *eschaton* futuro¹¹.

A partir da literatura paulina, a terra prometida é contemplada como sendo o mundo inteiro e a semente da descendência de Abraão se estende a todos os povos. Por isso, a promessa no Evangelho não é exclusividade de uma casta ou de um grupo étnico ou social. Trata-se, ao contrário, de uma categoria inclusiva. A promessa feita a Abraão desencadeia um processo histórico que se cumpre, mas, ao mesmo tempo, não se encerra, já que se abre ao futuro conforme revelado no evento da Ressurreição. Sem essa dinâmica escatológica, a Boa Notícia seria somente uma espécie de pregação moralista ou uma teoria de revelação gnóstica. Assim também se entende o Evangelho como *promessa* e, ao mesmo tempo, *garantia* do futuro prometido¹².

⁹ Ibid., p.170.

¹⁰ Se Moltmann pretende resgatar o caráter histórico da ressurreição, tal categoria não poderia ser tomada de forma isolada, principalmente no que tange ao evento da cruz. Portanto, a reflexão teológica de Moltmann sobre a Ressurreição deve ser necessariamente tomada em conjunto com a Teologia da Cruz que está desenvolvida sobretudo na obra “O Deus Crucificado”. Tratando-se especificamente sobre a relação histórica e escatológica entre o Crucificado e o Ressuscitado, leia-se: MOLTSMANN, *O Deus crucificado*: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 199-244.

¹¹ Cf. *ibid.*, p. 172.

¹² Cf. *ibid.*, p.176-178.

Portanto, o evento da Ressurreição de Jesus é a convalidação da promessa feita a Israel. É a garantia e o penhor da fidelidade de Deus. Portanto, a promessa é **βεβαίωσις** (bebaiosis), ou seja, a *confirmação* de que as palavras divinas podem se cumprir. Todavia, há de se notar que, tomada isoladamente sob a categoria da “convalidação”, o evento da Ressurreição de Jesus poderá ser esvaziado de seu significado de “cumprimento”. Não seria satisfatório tomar o “evento de Cristo como uma *simples* convalidação da promessa porque com Ele (e Nele) acontece qualquer coisa também e não somente em respeito à promessa, em sua maior ou menor certeza”¹³.

Ademais, o termo **βεβαίωσις** (bebaiosis) para indicar a convalidação e a confirmação da promessa no evento da Ressurreição, aparece em Rm 15,8. Nessa passagem, o sentido é exatamente contrário ao da interpretação oferecida por Moltmann. Nela, diz-se que Cristo é feito servidor, para mostrar que Deus *cumpr*e as promessas feitas aos nossos pais. “Cumprir” não significa tão-somente “confirmar”! Trata-se, portanto, de algo realizado. Todavia, merece mérito a intenção de Moltmann em querer preservar a dinamicidade e criatividade do evento da Ressurreição, visto não como algo fechado e estático, mas carregado da perspectiva de novidade e abertura histórica e escatológica.

A inquietação latente na reflexão teológica de Moltmann sobre este aspecto é a teologia da eterna presença e o entusiasmo do cumprimento, algo fortemente vivido pelas primeiras comunidades. Quando se valoriza o “cumprimento”, a força dinâmica criativa é diminuída e, conseqüentemente, aniquilada toda a esperança, pois daquilo que está completo não se espera nada mais! Para fazer com que essa história valha a pena, para mostrar a possibilidade de que algo novo há de vir e para projetar a dinamicidade da esperança é que Moltmann acentua este não encerramento do evento da Ressurreição:

Com a Ressurreição de Jesus nem tudo já aconteceu. O término do domínio da morte ainda não se deu. Ainda falta a derrota da contradição em relação

¹³ NITROLA, A., *Trattato di escatologi*. Spunti per un pensare escatologico. Cinisello Balsamo: Paulus, 2001, v. I. p. 413. (A tradução é nossa).

a Deus, reservada para o futuro, do qual diz Paulo que “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,28). (...) Com a Ressurreição originou-se um processo histórico escatológico bem determinado e posto em andamento, o qual tem como meta o aniquilamento da morte pelo domínio da vida a partir da Ressurreição, e que se orienta para a justiça na qual Deus terá os seus direitos reconhecidos em tudo, e na qual a criatura chegará a sua salvação¹⁴.

Assim, a escatologia da promessa supera a contradição existente no mundo. Deus se faz presente não como o *eterno* que vive no provisório do mundo da história. Essa maneira mítica e ilusória de pensar não dá sentido à existência, mas a desestabiliza, pois questiona insistentemente a presença do mal. Em um mundo, ainda que provisório, mas já habitado pela presença do eterno, o mal não poderia subsistir, a menos que fosse parte integrante do eterno. Mas, em um mundo no qual Deus se faz presente como *promessa e fidelidade*, a existência humana ganha sentido, uma vez que são dadas a esperança e a certeza de que toda a hostilidade, a contradição e a impiedade desse mundo podem ser superadas¹⁵.

A Ressurreição questiona o inacabamento do mundo e, ao mesmo tempo, revela que Deus não está em alguma parte no além, mas que ele vem e que, na verdade, já está presente, não como “eterna presença”, mas ainda enquanto “vindouro”. Este mundo é colocado em questão, pois o prometido é o reino de vida plena, justiça e de verdade. Dessa forma, as mazelas deste mundo podem ser identificadas com a brutalidade da cruz. Mas, a ressurreição nega a realidade de morte. Ademais, o negativo é anulado no confronto com a ressurreição. Portanto, é a vitória de Deus e o fundamento da esperança, que, desde a cruz, revelam toda a potência e toda a força de Deus¹⁶.

O Cristo ressurreto é e continua sendo o Cristo crucificado. O Deus que nos eventos da Cruz e da Ressurreição se revela como “o mesmo”, é o Deus que se revela na contradição de si mesmo. Da noite da “morte de Deus” na

¹⁴ MOLTMANN, Teologia da Esperança, p.194.

¹⁵ Ibid., p. 194 -195.

¹⁶ Ibid., p. 197-205.

cruz, da dor da negação de si mesmo, ele, na Ressurreição do Crucificado, na negação da negação de si mesmo, se torna o Deus da promessa e é experimentado como o Deus que vem¹⁷.

As aparições pascais deixam de ser tomadas como manifestações teofânicas e, muito menos, como descrição de fatos passados. Mas, dentro dessa dinâmica escatológica, tais relatos conferem sentido à história concreta da humanidade e, além disso, as questões sobre o ser de Deus passam a ter significância, pois já não mais se demonstram a partir de abstrações metafísicas e conceitos transcendentais de Deus, mas a partir do evento histórico, concreto e existencial que é a ressurreição¹⁸.

Assim, a ressurreição de Jesus dá significado ao presente e não pode ser tomada como um fato passado isolado na historicidade de Jesus Cristo: “no hoje da experiência cristã, então, a ressurreição e a vida eterna têm uma antecipação na fecundidade da vida nova, da vida redimida, alimentada pela presença de Espírito do Ressuscitado”¹⁹. À linguagem da promessa, deve-se acrescentar a linguagem da missão, porque as aparições pascais mostram o futuro do Cristo Ressuscitado. “Conforme a pregação dos fatos pascais, Deus neles mostra não o decurso da História, nem os mistérios do mundo celeste, nem o resultado final do futuro do juízo universal, mas o futuro do Cristo crucificado em favor do mundo”²⁰.

Sob o sinal da cruz e da ressurreição, está o horizonte da promessa e da missão. Portanto, do interior da *promissio* de Deus está a *missio* dos homens, porque a Ressurreição é abertura para o mundo e o futuro da existência humana, “na qual este evento aponta para além de si mesmo, para um *eschaton* de plenitude para todas as coisas”²¹. É, ainda mais, uma promessa inquieta já que é potencializada pelo dinamismo da esperança, que não é imaterial, invisível ou abstrato. Ao contrário, a esperança revelada pelo

¹⁷ Ibid., p. 205.

¹⁸ Cf. Ibid., p. 218-228.

¹⁹ ANCONA, G. *Escatologia Cristã*. São Paulo: Loyola, 2013.

²⁰ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 230.

²¹ Ibid., p. 235.

ressuscitado é corporal e terrena. Qualquer docetismo da esperança, que negue a sua realidade concreta, estará negando igualmente o humano e a cruz.

Ainda sob o horizonte das aparições pascais, o Ressuscitado é o histórico, ou seja, o crucificado. Aliás, são as marcas da História que nos permitem reconhecê-lo: “põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê” (Jo 20,27). Logo, a ressurreição não é a eliminação do dado histórico, mas a sua plena manifestação. O Crucificado-Ressuscitado são duas experiências tão distintas entre si, que se apresentam em uma radical contradição como vida e morte, nada e tudo, não Deus e Deus. Porém, só podem ser sintetizadas em uma identidade escatológica, ou seja, na medida em que nos interpela para a realização de nossa missão transformadora do mundo. Assim, a aparição pascal é sempre envio e missão²².

A promessa está entre o conhecer e o não conhecer, entre a necessidade e possibilidade, entre aquilo que ainda não é e aquilo que já é. O conhecimento oriundo da promessa sobre o futuro é um conhecimento em esperança, e por isso prospectivo e antecipatório, e por isso também provisório, fragmentário, mas aberto, e que tende para além de si mesmo²³.

As aparições do Ressuscitado revelam, ainda, que Deus faz e fará *justiça*. Faz, em sentido presente, porque a humilhação da cruz se transfigura na resplandecente alegria da presença do Ressuscitado. E fará, no futuro, porque a justiça de Deus, manifestada como promessa, não só significa a remissão dos pecados, mas a possibilidade de uma vida nova. É uma justiça prometida, que já está presente, mas que ainda deve ser recebida na esperança da fé:

A ressurreição, desta maneira, poderia ser comparada a uma semente, a uma vitalidade imanente, com uma tendência definida. A base do futuro já se acha oculta na semente. [...]. Cristo, deste modo, é o espelho de nosso futuro. Olhando na direção dos horizontes históricos, eles nos parecem fechados e bloqueados. Quando, porém, nos voltamos e observamos um

²² Ibid., p. 236-238.

²³ Ibid., p. 241.

evento específico do passado, o futuro torna-se aberto. A abertura do futuro é, assim, descoberta por meio de um reflexo especular²⁴.

Além da justiça revelada com a Ressurreição, igualmente se refaz a teimosa insistência, própria da fé de Israel, sobre a possibilidade do contínuo caminhar em frente. Isto é, a promessa se descortina como possibilidade de uma vida nova. A promessa caminha para o seu cumprimento; a fé impele à obediência e à visão; e a esperança, por sua vez, impele à vida prometida e finalmente alcançada. Por isso, a ressurreição de Jesus impulsiona para a vida no Espírito e para a vida eterna que tudo preenche:

Enquanto tudo não for ainda “muito bom”, continua a diferença entre esperança e realidade, a fé continua irrealizada, e deve lançar-se no futuro, em meio à esperança e ao sofrimento. Desta forma, também a promessa da vida proveniente da Ressurreição do Cristo introduz na tendência do Espírito que vivifica na dor e está orientado para o louvor da nova criação. Temos aí algo como “revelação progressiva”, ou “escatologia em realização”, só que se trata de *progressus gratiae*. Não é o tempo objetivo que traz o progresso, nem é a atividade humana que faz o futuro, é a necessidade interna do evento de Cristo, cuja tendência é trazer à luz a vida eterna latente nele mesmo e a justiça de Deus em todas as coisas, igualmente latente nele²⁵.

A compreensão do Reino de Deus também se abre para o horizonte de futuro, juntamente com a Ressurreição, enquanto que se manifesta como uma história de promessa, fidelidade e cumprimentos. Viver nesse Reino significa, portanto, peregrinar historicamente, com obediente prontidão frente ao futuro: A vida é recebida graças à promessa e se abre em direção à promessa. “O futuro mantido aberto e iminente pela mensagem do reino pregada por Jesus, é agora visto como confirmado pelas aparições do Ressuscitado, tornado certo como irrupção de sua Parusia e designado como o seu futuro”.²⁶

²⁴ ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papyrus, 1987.

²⁵ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 256.

²⁶ *Ibid.*, p. 261.

Contudo, a dimensão da cruz não se aparta da compreensão do Reino de Deus. Intimamente unido à Cruz, mas lido sob a iluminação da Ressurreição, o Reino jamais pode ser compreendido de forma espiritualizada e, muito menos, transformado em uma extra-realidade. Assim como o Crucificado-Ressuscitado, o Reino é percebido como uma realidade deste mundo, mas que, dialeticamente, contradiz e se opõe ao mundo que se mostra aparentemente sem Deus e abandonado Ele. O Reino de Deus, desse modo, é presente enquanto promessa e esperança. Porém, a realidade presente ainda não contém em si toda a verdade e, por isso, deve ser apreendida em sua historicidade, no horizonte de futuro para todas as coisas, já na iminência do Reino de Deus.

A promessa do reino de Deus, no qual todas as coisas chegam à justiça, à vida, à paz, à liberdade e à verdade, não é exclusiva mas inclusiva. Da mesma forma o seu amor, a sua solidariedade e a sua compaixão são inclusivos, nada excluindo, mas incluindo tudo na esperança de que Deus será tudo em tudo. A promissio do reino fundamenta a missio do amor no mundo²⁷.

Por fim, a Ressurreição é o evento que dá sentido à promessa, garante-lhe a fidelidade de Deus e impele o cristão esperançosamente em expectativa para o futuro. Logo, as aparições pascais são o fundamento de uma escatologia da promessa e de uma teologia da esperança. O Deus da Promessa, revelado na Ressurreição de Jesus Cristo, confere significado à história presente e empurra para uma atitude transformadora frente às cruces deste mundo!

4. A Ressurreição de Jesus: a esperança transformadora

Toda esta reflexão incide diretamente sobre a ação cristã no mundo. De fato, sem que se descortinasse um horizonte de ação prática e concreta na história, todo o esforço seria vão ou não passaria de especulação vazia, pois se

²⁷ Ibid., p. 265.

estaria trabalhando apenas no campo das formas e conteúdos oriundos exclusivamente da esfera teórica e conceitual.

Assim, a esperança se impõe como a categoria fundamental para a vida em sociedade. De fato, “a esperança cristã atua desde as origens da humanidade. Foi reativada pelas promessas feitas aos patriarcas e aos profetas. Mas a esperança nascida em Jesus Cristo é, como diz a epístola aos Hebreus, ‘a maior esperança’ (7,19)”²⁸. Ao falar a linguagem da esperança, manifesta-se o autêntico Cristianismo, pois aí está o seu fundamento. Proclamá-la não se trata, como bem se vê, de uma função desta ou daquela denominação religiosa. O cristianismo aqui é compreendido como um todo, de maneira muito ampla, e se apresenta na Igreja, nas comunidades e até mesmo nas vocações mundanas que, conscientemente ou não, podem manifestar o Deus da Promessa em suas atividades sociais.

De fato, a Igreja desatrelada do Estado não é mais uma religião de *culto público*, mas nem, por isso, perdeu o seu papel social. Em vez de se lamentar pela perda do *status* de total coincidência com as normativas da sociedade, deveria olhar bem para perceber que a marginalização do cristianismo enquanto fato religioso oferece-lhe infinitas possibilidades de variações, sempre em movimento. O Deus da Promessa enquanto conteúdo da pregação é um anúncio *inclusivo* e, não, *exclusivo* de uma determinada denominação religiosa; tampouco é anúncio proselitista sedento por conquista, mas é mensagem e anúncio que contribui para a construção de mundo melhor.

Logo, o anúncio transformador do Deus Promessa é a grande missão do Cristianismo, pois “o reino do futuro do Cristo ressuscitado não só deve ser esperado e aguardado. Esta esperança e expectativa devem modelar igualmente a vida histórica da sociedade”²⁹. A esperança levanta a questão sobre o verdadeiro sentido, porque desestabiliza e instiga as antigas instituições que tendem à imobilidade; confere-lhes dinamicidade, elasticidade e historicidade, inserindo-as no movimento de um processo que não estaciona jamais e que, por isso, deve sempre estar a caminho.

²⁸ COMBLIN, J. *A maior esperança*. Petrópolis: Vozes, 1970.

²⁹ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 388.

Assim, o caminho da esperança cristã que Moltmann apresenta na Teologia da Esperança nos faz ter um olhar para o futuro, mas, que pela experiência de Cristo – ressuscitado e crucificado –, de certa forma, esse futuro ilumina toda a ação revelada por Deus no passado (suas promessas). É certo que toda a ação da Igreja projeta-se hoje numa missão futura, a ponto de, inserida na sociedade, ela seja de tal modo um sinal concreto e vivo do amor de Deus por toda a humanidade. É o que aponta a promessa e é o que deve fazer a comunidade do êxodo (Igreja)³⁰.

A História dinâmica e voltada para o futuro é também a voz do chamado de Deus. Se o Evangelho convida para a missão e o seguimento de Cristo, igualmente a história carente de transformação se desnuda como apelo para a atuação de todos os fiéis. Mais uma vez, estamos diante de um caráter inclusivo, porque, se a totalidade dos homens se insere e faz a História, logo, o chamado histórico não é privilégio de alguns. “Todo crente e esperante é *vocatus* e deve colocar a sua vida a serviço de Deus, na cooperação do Reino de Deus e na liberdade da fé”³¹.

Assim, o apelo histórico do chamado de Deus mostra a sua constante atualidade e perene mutabilidade:

As vocações são históricas, mutáveis, permutáveis, temporais e por isso devem ser modeladas no processo de sua realização pelo chamamento, pela esperança e pelo amor. O chamamento aparece somente no singular; as vocações, os papéis, as funções e relacionamentos que os homens ocupam na sociedade, sempre aparecem no plural. O homem se encontra sempre em meio a uma rede múltipla de dependências e obrigações sociais. Precisamente a sociedade moderna não é mais uma sociedade de “estados” fixos, mas antes uma sociedade de ocupações (*jobs*) móveis.³²

³⁰ KUZMA, César. *O futuro de Deus na missão da Esperança: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

³¹ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 389.

³² *Ibid.*, p. 392.

Por isso, o horizonte do Reino de Deus é a força escatológica carregada da esperança que faz com que o Cristianismo seja igualmente uma potência criadora, jamais harmonizada com as estruturas vigentes. Acomodar-se ao que existe seria o mesmo que afirmar o estabelecimento do Reino de Deus e o conseqüente abandono da fé no Deus promitente. Esta vigente estrutura social não está à altura de ser aquele Reino anunciado e prometido, sobretudo na Ressurreição de Jesus. Portanto, não é possível que o cristão da esperança se acomode a este mundo inacabado, já que ainda não está pronto.³³

A perturbação ou o medo diante das precariedades histórico-sociais que se averiguam no mundo não se justificam em hipótese alguma. Uma vez diagnosticado o desfalecimento do mundo e, conseqüentemente, da história, são muitos os que teorizam utopicamente a possibilidade do soerguimento de uma nova esfera terrena, mais justa e igualitária. Analogamente, há a atitude exatamente oposta de se entregar ao intimismo e à fuga, pois acredita que, se esta realidade não tem mais jeito, o melhor será esperar que as promessas se cumpram “no céu”. A esperança escatológica, por sua vez, oferece uma terceira via, na medida em que, na esteira da dialética hegeliana, conjuga as contradições: “uma coisa só é viva quando contém em si a contradição, pois a vida é precisamente uma força capaz de conter a contradição e suportá-la”.³⁴

O mundo ainda não está acabado, nem pronto, mas somente deve ser entendido como algo que está em processo histórico. E, portanto, um mundo do possível, em que se pode estar a serviço da futura verdade, da justiça e da paz prometidas. Este é o tempo da Diáspora, da sementeira em esperança, da entrega e do sacrifício, pois este tempo está dentro do horizonte de um futuro novo. Assim se torna possível realizar a exteriorização neste mundo, bem como o amor cheio de esperança de todos os dias, que se torna humano sob aquele horizonte de esperanças que transcende este mundo.³⁵

³³ Cf. *Ibid.*, p. 393-396.

³⁴ *Ibid.*, p. 397.

³⁵ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 398.

Essa promessa de Deus, revelada sobremaneira na ressurreição de Jesus Cristo, não substitui e, muito menos, limita a responsabilidade do homem perante o mundo. Porém, atribui “algo a mais” (*plus*) à história e, conseqüentemente, oferece ao homem uma dose maior de liberdade e de responsabilidade diante da obra da criação. Portanto, a esperança cristã é a esperança de um futuro absoluto que abre ilimitadas possibilidades acerca do mundo e de sua transformação³⁶.

Por fim, a esperança escatológica exterioriza aquilo que já está prometido interiormente para o mundo, uma vez que o homem que nela crê se torna livre para a fé e se abre em uma atitude de amor serviçal, “visando à humanização das relações, e à realização da justiça à luz da futura justiça de Deus”³⁷. Trata-se, então, de uma apocalíptica que acredita que algo “extra” há de vir, pois está *prometido, verificado e garantido através da Ressurreição de Jesus*. Dado o seu caráter histórico, a promessa gera um compromisso social, pois, ao se abrir para o futuro, exige a atuação transformadora à espera de seu cumprimento definitivo, como um dom do Deus Trinitário.

5. Conclusão

A categoria da promessa perturba e inquieta quando é associada ao evento da Ressurreição de Jesus, sobretudo porque, em uma sociedade niilista, as promessas não passam de sonhos e fantasias, uma vez que não se acredita em suas concretizações. Na esfera política brasileira, por exemplo, o termo está absolutamente comprometido e qualquer “promessa” seria ridicularizada e motivo de escárnio e zombaria. Por isso, corre-se o risco de, ainda que inconscientemente, adentrar nessa onda enfadonha de descrença que reduziu o termo “promessa” ao nível de “desilusão”.

J. Moltmann vai exatamente na contramão e quer resgatar do termo o seu conteúdo fundamental e primordial, uma vez que promessa é sinônimo de

³⁶ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana y liberación del hombre*. Barcelona: Herder, 1972, p. 203-204.

³⁷ MOLTSMANN, Teologia da Esperança, p. 398.

compromisso, juramento, expectativa e até de obrigação. É claro que, por um lado, a ressurreição compreendida sob essa ótica pode parecer um evento incompleto e inacabado, o que estaria em dissonância com o que se professa em termos de revelação. Mas, por outro lado, ao querer demonstrar a ressurreição como evento aberto, quer-se resgatar a criatividade e a dinamicidade do evento e contribuir para o empenho de construção de uma sociedade melhor.

Assim, a ressurreição vista como a revelação do “Deus da Promessa” impele à esperança e à constatação de que a morte não é a palavra final e de que, portanto, algo novo ainda está por vir, na medida em que o empenho ético e o compromisso social jorram desta fonte, que é Cristo Ressuscitado. Pensada nesses termos, a Ressurreição não se apresenta como uma mera história mal contada por pessoas alucinadas, histéricas ou fanáticas, mas totalmente ao contrário, já que é tomada como compromisso transformador e, não, como desprendimento espiritualista do mundo.

Por fim, não se pode deixar de evocar que, de dentro daquele emblemático simbolismo do túmulo vazio, ecoaram vozes que anunciaram a feliz notícia de que foram desfeitos o pavor emudecedor da cruz e o silêncio lancinante que jazia sob aquela pedra. Portanto, ainda hoje o *angelo* (anúncio) se repete constantemente e impele homens e mulheres de boa vontade que, alicerçados e confiantes naquela promessa, lutam por um mundo melhor, até o dia em que o Reino do Ressuscitado será instaurado definitivamente e, naquele tremendo e glorioso dia, passará o mundo presente e surgirá novo céu e nova terra (Prefácio do Advento IA).

Referências

ALFARO, J. *Esperanza Cristiana y liberación del hombre*. Barcelona: Herder, 1972, p. 203-204.

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

ANCONA, G. *Escatologia Cristã*. São Paulo: Loyola, 2013.

AUGRAIN, C. Promesses. In: JACQUEMET, G. (org). *Catholicisme, hier, Aujourd'hui, Demain*. Paris: Letouzey et Ané, 1948. v. 11, p. 1245-1249.

COMBLIN, J. *A maior esperança*. Petrópolis: Vozes, 1970.

HOFFMANN, E. Promessa. In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 1451 – 1456.

KUZMA, César. *O futuro de Deus na missão da Esperança: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica/Loyola, 2003.

_____. *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: [s.n], 2014.

NITROLA, A. *Trattato di escatologia: spunti per un pensare escatologico*. Cinisello Balsamo: Paulus, 2001. v. I.

RAMLOT, M.L.; GUILLET, J. Promessas. In: LÉON-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 834-838.

SCHARBERT, J. Promessa. In: FRIES, H. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1970-1971. v. IV, p. 336-345.

SCHNIEWIND, J. FRIEDRICH, G. *ἐπαγγελω, ἐπαγγελία*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (orgs.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1957. v. 2, p. 573-583.

Recebido em: 28/02/2019

Aprovado em: 07/06/2019